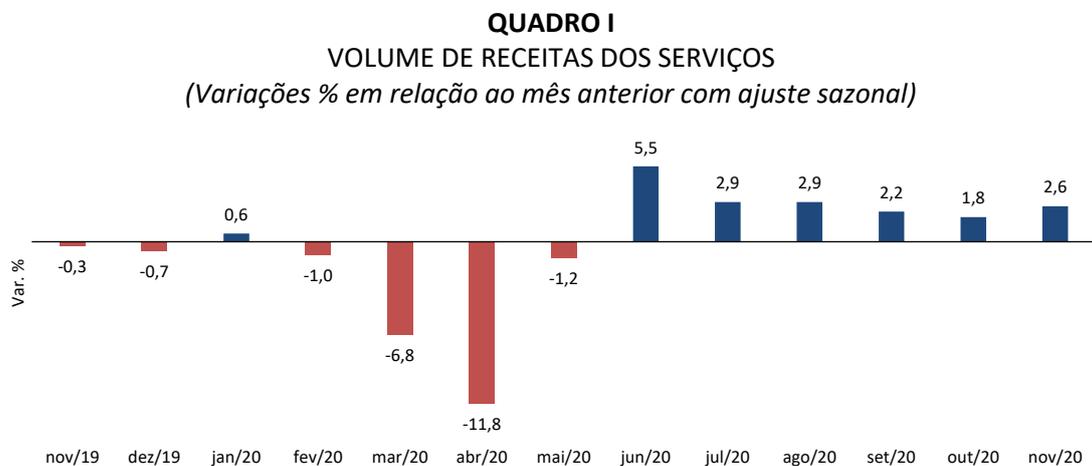


RETOMADA DOS SERVIÇOS SEGUE LENTA FRENTE AOS DEMAIS SETORES

Mesmo com avanços mensais no volume de receitas com serviços prestados às famílias e no transporte aéreo, Turismo acumula perdas de R\$ 261 bilhões desde o início da pandemia e perda de 437,9 mil postos formais de trabalho

O volume de receitas do setor de serviços cresceu 2,6% na comparação entre os meses de outubro e novembro de 2020, já descontados os efeitos sazonais. Segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada hoje (13 de janeiro) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi o sexto mês consecutivo de avanço no volume de receitas após o setor acumular retração de 19% entre março e maio deste ano. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, houve variação negativa (-8,3%) pelo nono mês consecutivo.



Fonte: IBGE

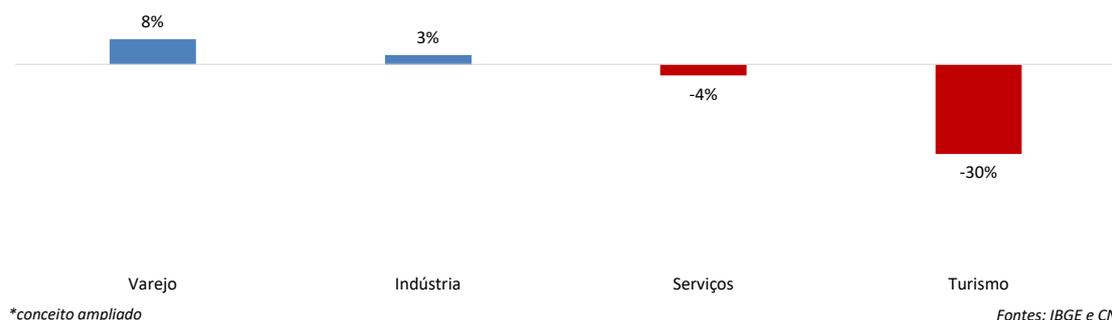
Os cinco grupos de atividades apresentaram variações positivas de volume de receitas. Em novembro, os destaques foram os serviços prestados às famílias (+8,2%), que avançaram pelo quarto mês consecutivo, e os serviços profissionais, administrativos e complementares (+2,5%), este com a maior alta mensal desde junho (+3,0%).

Especificamente nos serviços prestados às famílias, sobressaíram as atividades de alojamento e alimentação (+9,1%). Apesar desse avanço, o volume de receitas gerado por essas atividades em agosto ainda é 26% inferior ao do período pré-pandemia. O transporte aéreo foi outro destaque no mês com avanço de 6,8% ante outubro; porém, 38% abaixo do faturamento médio do primeiro bimestre de 2020.

Essas defasagens no volume de receitas em relação ao início do ano passado reforçam a percepção de que o Turismo é de longe o setor mais afetado pela queda do nível de atividade ao longo da pandemia de Covid-19. Mesmo tendo crescido pelo sexto mês consecutivo em relação à média do primeiro bimestre, o volume de receitas do setor ainda se encontra 30,0% abaixo do nível verificado antes da atual pandemia. Situação mais crítica, portanto, que a da

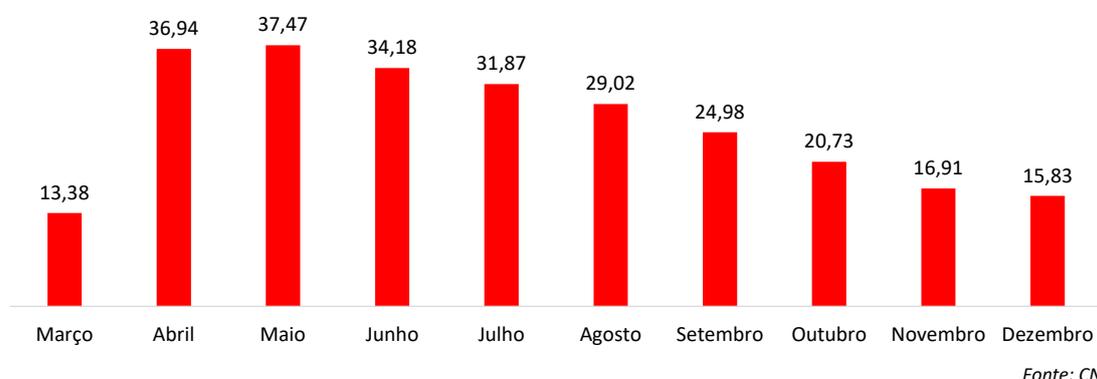
produção industrial (+3%), do setor de serviços como um todo (-4%) e do volume de vendas do comércio varejista (+8% até outubro).

QUADRO II
INDÚSTRIA, COMÉRCIO, SERVIÇOS E TURISMO: NÍVEIS DE ATIVIDADE DE NOVEMBRO EM
RELAÇÃO À MÉDIA DO 1º BIMESTRE DE 2020
(Variações % em relação às médias de janeiro e fevereiro)



Ainda que a um ritmo menos intenso, desde o “fundo do poço” ocorrido em abril, as perdas em relação ao período anterior à Covid-19 seguem se acumulando. Segundo levantamento realizado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), as perdas mensais sofridas pelo setor já somam R\$ 261,30 bilhões desde o início da pandemia – o equivalente a mais de quatro meses de faturamento. Atualmente, o Turismo brasileiro opera com 42% da sua capacidade mensal de geração de receitas.

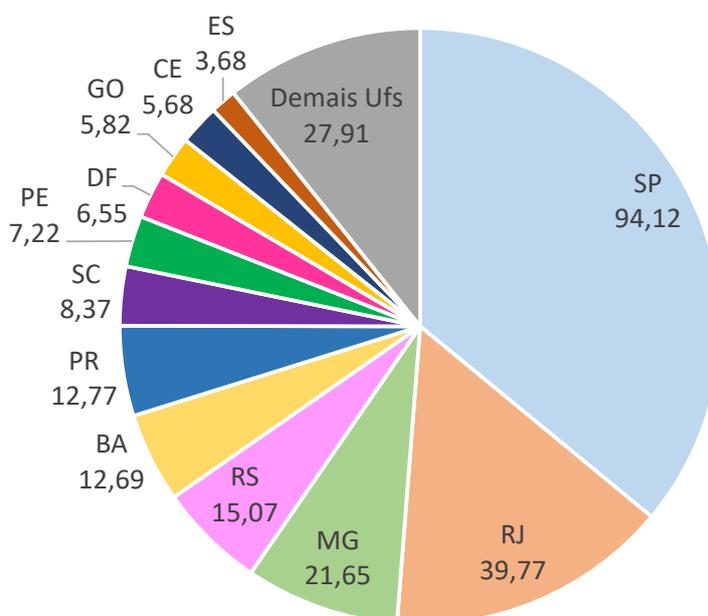
QUADRO III
PERDAS MENSAIS DE FATURAMENTO NO SETOR DE TURISMO BRASILEIRO EM 2020
(R\$ Bilhões)



A estimativa da CNC cruza informações disponibilizadas pelas pesquisas conjunturais e estruturais do IBGE, além de séries históricas referentes aos fluxos de passageiros e aeronaves nos dezesseis principais aeroportos do país.

Os Estados de São Paulo (R\$ 94,12 bilhões) e do Rio de Janeiro (R\$ 39,77 bilhões), principais focos da Covid-19 no Brasil, concentram mais da metade (51,2%) do prejuízo nacional. Essas perdas se refletem, por exemplo, nas quedas de fluxo de passageiros nos principais aeroportos dessas duas unidades da Federação. Ao fim de dezembro, os aeroportos de Congonhas e Galeão registravam quedas de 56% e 59%, respectivamente, no fluxo de aeronaves, tendo-se como base o tráfego antes da Covid-19.

QUADRO IV
PERDAS APURADAS PELO SETOR DE TURISMO DE MARÇO A DEZEMBRO DE 2020 SEGUNDO UNIDADES DA FEDERAÇÃO
(R\$ Bilhões)



Fonte: CNC

A crise que ainda castiga severamente o setor levou à eliminação de 437,9 mil postos formais de trabalho entre março e novembro de 2020, segundo estatísticas mais recentes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), apurado mensalmente pela Secretaria do Trabalho, ligada ao Ministério da Economia. Esse contingente representou uma queda de 12,5% na força de trabalho do setor.

O segmento de bares e restaurantes (-244,1 mil) liderou as perdas, seguido pelos ramos de transporte rodoviário (-88,1 mil) e hospedagem (-65,4 mil). São Paulo (-147,0 mil), Rio de Janeiro (-59,0 mil) e Minas Gerais responderam por mais da metade (56%) das vagas perdidas. No Nordeste, importante polo turístico do país foram 69,5 mil vagas a menos no mesmo

período. Empresas de pequeno porte foram as que mais tiveram que recorrer às demissões (-175,9 mil).

Com a lenta reação do setor de serviços aos estímulos para a retomada do nível de atividade econômica, a CNC espera queda de 8,0% no volume de receitas de 2020 - o pior resultado anual deste indicador desde o início da PMS em 2012. Para 2021, diante da expectativa de crescimento econômico e de uma base comparativa, a entidade aposta na volta do crescimento do setor (+3,7% ante 2020). Já para o Turismo, a expectativa é que o setor não consiga reaver o nível de atividade perdido para a pandemia antes do fim de 2022, devendo acusar queda de 36,8% quando da divulgação dos dados relativos a dezembro do ano passado.